

A Presença da Mulher na Força Aérea do Peru (FAP)

PERLA BACA GÁLVEZ



A Força Aérea Peruana e a Força Aérea dos Estados Unidos realizaram o seminário "Mulheres, Paz e Segurança"

Fonte: Aeronoticias - Aeronoticias (fap.mil.pe)

A presença da mulher nas Forças Armadas do Peru é resultado da Lei nº 26.628, editada pelo Congresso da República em 20 de junho de 1996. Esta previa a incorporação de mulheres na carreira militar, como oficiais e graduados, com os mesmos direitos e obrigações que o pessoal do sexo masculino. Esta lei foi promulgada quando uma mulher, pela primeira vez na história do Peru, ocupou a presidência do Congresso da República.

Algumas décadas atrás, o papel quase único da mulher peruana era ser filha, esposa e mãe. Isso foi mudando com a educação, as leis e a evolução do tempo. Em 7 de setembro de 1955, durante o governo do General de Exército Manuel Odría, foi promulgada a Lei nº 12.391 que permitiu às mulheres, pela primeira vez no Peru, votarem e serem eleitas. Para isso, ela tinha que ser alfabetizada e ter mais de 21 anos. Em 1979, o voto universal para a população feminina foi alcançado e entrou em vigor nas eleições gerais de 1980.

As mulheres foram gradualmente ganhando espaços, antes ocupados apenas por homens. A educação, a evolução do mundo, a realidade nacional foram modificando seu comportamento, o que lhes permitiu assumir novos papéis, novas formas e possibilidades de realização pessoal.

Em 20 de julho de 1996, durante o governo do Presidente Alberto Fujimori, foi promulgada a lei que, pela primeira vez, permitiu que as mulheres entrassem nas Forças Armadas como militares da ativa.

A FAP Assume o Mandato de Lei

Na FAP, a Lei nº 26.628 entrou em vigor no ano seguinte à sua promulgação. Em 1997 foi permitida a entrada de psicólogas na Força e, hoje, após 24 anos do evento, temos três coronéis dessa especialidade na FAP. Atualmente, a FAP oferece a homens e mulheres as mesmas condições inclusivas e igualitárias dentro da instituição.

A FAP conta com mulheres profissionais, técnicas e de serviços - oficiais, suboficiais e graduadas - muitas delas esposas e mães que trabalham em nossa instituição com vocação para o serviço, excelência profissional e integridade pessoal.

Após dois anos da entrada do corpo feminino nas escolas da FAP, as mulheres começaram a fazer parte das promoções em escolas de formação de cadetes e estudantes. Ou seja, elas aderiram à atividade militar entrando nas escolas e passando a fazer parte da instituição.

Após 22 anos da entrada de mulheres militares na FAP, em 2020, quando o mundo, e o Peru em particular, estavam enfrentando a feroz pandemia de COVID-19, a Escola de Oficiais (EOFAP) permitiu pela primeira vez uma mulher como Brigadeiro-General de um batalhão de cadetes. Trata-se da oficial da FAP Melanie Capa Quispe, da especialidade de Armas, Comando e Combate.

Uma Mulher Responsável pela Manutenção de Armamentos

Ingressar no Serviço de Material de Guerra (SEMAG) é chegar ao coração da instituição onde é realizada a manutenção e reparo de armas da FAP, explosivos, reparo e manutenção de assentos de ejeção, equipamento de visão noturna, paraquedas, entre outros.

Lá trabalhou por anos uma pequena mulher de maneiras gentis, mas firmes - a Major FAP Julissa Rodríguez Pérez, engenheira química especializada em Sistemas de Armas, que também é mestre em Engenharia Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Até recentemente ela foi chefe do Departamento de Engenharia e Projetos da SEMAG, responsável por garantir o funcionamento de armas da FAP, bombas, foguetes, pirotecnia e sistema de armas e desenvolvimento de

projetos que facilitam o trabalho da instituição nesse sentido. Nascida na cidade de Arequipa, mãe de dois jovens, há 17 anos é Oficial de Serviço na FAP, oito dos quais servindo no SEMAG. Ela está atualmente em uma missão de paz como membro dos Capacetes Azuis na África.

A Comandante Julissa Rodríguez, no final de 2019, fez parte da exposição fotográfica “Mulheres que Romperam a Desigualdade” realizada pelo Ministério da Mulher e na qual são destacadas as corajosas peruanas que inspiram e dão esperança a outras mulheres.

Três Coronéis da FAP

Era 1997 e a Força Aérea Peruana para efetivar a lei de incorporação de mulheres nas Forças Armadas fez uma chamada pública solicitando a nomeação de psicólogas para fazer parte do quadro de oficiais da instituição. Inscreveram-se 90 mulheres para 10 vagas. Sete passaram no treinamento militar e cinco foram incorporadas. Hoje, três delas são as Coronéis da FAP: Raquel Seminario Soto, Hazel Sciutto Cook e Nancy Mejía Cruz.

Inicialmente, a presença de mulheres em instituições militares não era fácil; os homens tinham que se acostumar com elas. Psicólogas entraram com o posto de Tenente e dois anos depois tornaram-se oficiais de serviço.

A Coronel Nancy Mejía lembra: “Não foi fácil atender às demandas da disciplina militar, tivemos que nos adaptar ao sistema. Estou à vontade e sou uma oficial orgulhosa de usar o uniforme”, disse esta militar e mãe feliz de um garoto de 13 anos.

Equipe Feminina da FAP

Hoje, centenas de militares da FAP com seu trabalho em todas as especialidades dão prestígio à instituição e como peruanas trabalham pelo bem comum e na defesa e desenvolvimento de nossa pátria. “Aqui, a norma é o respeito à pessoa e as atividades são cumpridas com responsabilidade, criatividade, boa comunicação e trabalho em equipe”, dizem.

Exemplos a seguir são múltiplos, como o da Major da FAP Julissa Laguna Arana, piloto de helicóptero do Grupo Aéreo N°3, que, em 2015, tornou-se a primeira instrutora piloto de aeronaves de asa rotativa no Peru. Casada com um piloto da FAP, tem duas filhas. Ela, uma mulher cordial, firme e aguerrida, voa os Bolkow e se prepara para pilotar os MI-17.

Também piloto de helicóptero é a capitã da FAP Romina Feijoo Arana, que participa de operações de apoio à pacificação na zona de emergência no Valle dos Rios Apurimac, Ene e Mantaro (VRAEM), entre outras missões.

Entre a multiplicidade de mulheres profissionais e técnicas da FAP, temos a SO3 FAP Marleni Many Zela, que é a primeira mulher mecânica aeronáutica qualificada no sistema Twin Otter DHC-6-400.

Há suboficiais que se destacam como especialistas técnicas em armamento, artilharia de helicóptero, engenheira de voo em helicópteros M-17 e mecânica a bordo de helicópteros Bell-212. No ano passado, por exemplo, a Suboficial Técnica García Velásquez, em tempos de pandemia foi qualificada como *chefe de carga* da aeronave Espartana C-27J, tornando-se a primeira mulher da FAP a se tornar mestre de cargas da referida aeronave.

Em 2020, quando enfrentamos a COVID-19 no planeta, no Peru houve um evento singular no campo militar. Duas mulheres ocuparam os primeiros cargos tanto na Força Aérea quanto no Colégio de Oficiais da Marinha. Foi a militar da FAP Melania Capa Quispe e, na Marinha, a militar Greta Ruiz. Ambas Espada de Honra de suas respectivas promoções.

Mulheres Voam em Nossa Amazônia

Do nosso território 60 % são a floresta amazônica, e nossas tripulações da FAP, há mais de oito décadas, vêm cruzando os céus daquela região complexa e intrincada, onde microclimas e condições meteorológicas exigem coragem e experiência para poder voar.

Atualmente, três pilotos da FAP voam nessa região. São elas: as capitães da FAP Kary Francia Vásquez e Fiorela Sponza Nagybabi, assim como a Tenente da FAP Genesis Diaz Chavarria. Todos as três são pilotos de transporte.

A capitão da FAP Kary Francia se formou na EOFAP em 2013 e tem pilotado um Twin Otter do Grupo Aéreo nº 42 em Iquitos há mais de cinco anos. “Eu gosto e estou feliz com meu trabalho na selva. As mudanças climáticas repentinas e a natureza dessa vasta área amazônica forçam as equipes a realizar maiores análises, planejamentos e treinamentos”, diz a jovem oficial.

Ela, como seus companheiros, cobre as rotas de Iquitos, Trompetistas, Caballacocha, Estrecho, Gueppi, Tarapoto, Pucallpa e outras cidades e campos de desembarque. “A FAP cumpre uma tarefa muito importante nessa região. Trazemos a presença do Estado para os povos pobres e remotos do nosso território, integrando-os e apoiando-os em seu desenvolvimento”, diz a Capitão Francia, que conquistou o primeiro lugar no Curso Tático-2019. Ela não é apenas uma boa piloto da FAP, mas também uma grande atleta que pratica tiro e foi campeã militar sul-americana de tiro de carabina-2012.

A Capitão da FAP Fiorela Sponza Nagybabi trabalhou quatro anos no 42º Grupo Aéreo e tornou-se a primeira piloto peruana a pousar nas águas dos turbulentos rios da nossa Amazônia. O feito foi como copiloto de um Twin Otter, nos

rios da bacia de Putumayo, na Morona, Marañón, Amazonas. “Chegamos às aldeias mais remotas onde você só pode entrar por ar ou rio. Estou feliz porque sinto que estou ajudando populações muito vulneráveis. Com representantes de outros setores do Estado, temos voado por todas as cidades ribeirinhas levando saúde, medicamentos e a presença do Estado peruano”, diz.

“Pousar nos rios da nossa selva não é fácil”, diz a Capitão Sponza, que é casada com outro piloto da FAP, um instrutor de voo. Ela sorrindo diz: “Tenho sorte de ter o instrutor em casa.” Ambos voaram juntos, mas desde que se casaram as regras de segurança impedem isso. Ela viaja pelas cidades mais remotas do nosso território. “Eu gosto do charme natural da nossa Amazônia”, diz ela.

A outra oficial que há pouco mais de um ano aderiu ao trabalho nesta região é a militar da FAP Génesis Díaz Chavarría, que é natural da costa norte de Lima. Ela sonhava em voar desde criança e depois de muito estudo e sacrifício alcançou seu objetivo. Como todos os jovens pilotos da FAP graduados da EOFAP, cumpriu com sucesso o procedimento para seu êxito obtido: 13 horas de voo no T-41 depois 60 horas no Zlin e Alarus e finalmente 120 horas na KT-1P, qualificando-se assim como piloto militar da arma de Comando e Combate. Ela agora treina na selva, no 42º Grupo Aéreo, na aeronave Twin Otter. “Me custou, senti medo, mas recebi um bom treinamento na FAP e isso me faz ter coragem e desejo de seguir em frente. O avião já decolou e não pretendo parar até chegar ao topo”, diz a militar Díaz.

A Vida de um Piloto é uma Questão de Coragem, não de Sexo Não Importa ser um Homem ou uma Mulher, o que Importa é Amar o Aroma do Céu; é Amar Voar

Mulheres Operadoras de Radares de Interceptação

Em 2002 havia quatro mulheres na FAP que, pela primeira vez, operavam radares de interceptação. Elas tinham a função de cuidar do espaço aéreo territorial e apoiar em seus voos a aeronave que sobrevoava o “céu de Quiñones”, como o céu peruano é chamado em homenagem ao nosso herói da aviação militar nacional: o *Capitão da FAP José Quiñones*.

São elas as Suboficiais da FAP Elsa La Chira, Romy Ávalos, Inés Cumpa e Angélica Rafael, que ao deixar a Escola de Suboficiais (ESOFA) passou a treinar no Centro Nacional de Defesa Aérea e Informação (CIDAN). Lá obtiveram conhecimento sobre tráfego aéreo, fraseologia, leitura de cartas e pontos de notificação, entre outros temas relacionados à especialidade de Operação de Equipamen-

tos e Sistema de Comunicação e Controle de Tráfego Aéreo e Radar. Atualmente, duas delas seguem em atividade. Hoje, também temos operadoras de tráfego aéreo.

Uma Campeã de Ouro

No esporte há a presença bem sucedida da mulher da FAP. Vale ressaltar a Capitã Yackeline Guerrero Quintana que, como cadete do 3º ano da Escola de Oficiais (EOFAP), foi campeã mundial na categoria “Cadete Militar” no I Campeonato Mundial de Atletismo das Escolas Militares, realizado na Turquia em 2010. Ela ganhou competindo com cadetes de 38 países.

Esta pequena, calma e sorridente natural da cidade de Cajamarca traz dentro de sua imagem tranquila uma oficial tenaz, forte e resoluta da FAP que obteve na época a medalha de ouro na prova de 5.000 metros. O nível físico de seus pares, como já aconteceu em outras oportunidades, parecia superlativo, mas ela não desistiu; correu como o vento e venceu. A 100 metros de distância da sua concorrente mais próxima – uma ucraniana – foi o que fez a diferença para seu sucesso. Continuou a competir, com êxito, em vários campeonatos. Atualmente existem outras atletas da FAP que se destacam no atletismo, tiro e rugby.

“Chepita” — Uma Memória Exemplar

Os civis se lembram de uma mulher que fez a diferença no Serviço de Material de Guerra (SEMAG). Foi Josefina Recuay Centeno, engenheira química que começou a trabalhar em 1979 na SEMAG até o dia de sua morte, 30 anos depois. Ela estava encarregada de implementar todos os testes químicos para os explosivos que a FAP tinha em suas unidades. Juntamente com a engenheira química Nancy Cedano Guardianos, Recuay criou o Laboratório químico da SEMAG, onde a engenheira Cedano continuou a trabalhar com o apoio de outra jovem engenheira química, Lizbeth Sánchez.

“Chepita”, como era carinhosamente chamada por seus colegas de trabalho, desenvolveu parâmetros padrão para sistemas de propulsão que orientavam o trabalho diário da SEMAG. Desenvolveu o estudo do projeto e instalação da planta de parquerização para a proteção de material de aço de baixa liga e ferro que trabalham em atrito contínuo, como pistolas, espingardas, rifles e outros.

“Chepita” fez e desenvolveu um currículo para os diferentes centros de instrução e treinamento da FAP. Realizou um trabalho de controle de estabilidade química em explosivos e explosivos elevados que fazem parte do material das Forças Armadas, a fim de lhes dar confiabilidade em seu uso.

Era professora de especialistas em armas, química de explosivos e outros assuntos relacionados. Era um livro de referência aberto para quem a consultasse. Jose-

fina Recuay percorreu todas as unidades da FAP inspecionando bombas, foguetes, mísseis, cartuchos e outras armas a fim de determinar o estado químico em que este material foi encontrado e, assim, evitar riscos de explosão e/ou fogo em seu manuseio, transporte e armazenamento. “Ela sempre teve um diagnóstico preciso”, lembraram seus colegas de classe e alunos, que disseram sobre ela: “Uma vida valiosa dedicada ao seu trabalho diário, não buscava transcendência, mas a obteve como apenas os melhores podem fazê-lo”.

A Primeira Aviadora no Peru

Carmela Combe Thomson, foi a primeira mulher piloto da aviação no Peru. Nascida em Lima em 1900, era a mais nova de cinco irmãos. Sua adolescência foi vivida lendo com avidez revistas e informações que vinham da Europa sobre a nascente aviação mundial e sobre o feito do aviador Jorge Chávez, peruano nascido na França, que, em 1910, foi o primeiro a cruzar os Alpes.



Carmela Combe: a primeira piloto do Peru com apenas 21 anos

Fonte: “Carmela Combe: a mulher que nasceu para voar - Periodismo 360° UTP” (periodismo360utp.pe)

Uma mulher singular para o seu tempo, ela dirigia automóvel e motocicleta aos 14 anos. Em 1920, após concluir um curso de aviação promovido pela empresa aeronáutica Curtiss, matriculou-se na Escola de Aviação Civil de Bellavista nos arredores de Lima, capital peruana.

Em 6 de maio de 1921, ela voou sozinha em um avião Curtiss Oriole que possuía e começou a trabalhar transportando dinheiro para o pagamento de salários aos trabalhadores em Cañete, Ica, ao sul de Lima. Em 9 de julho sofreu um

acidente de avião. A falha foi mecânica e teve que pousar em uma emergência. Os golpes, produtos do acidente, afetaram sua coluna vertebral, o que a fez sofrer dores crônicas. Mesmo assim continuou a voar. Algum tempo depois ela foi operada. Em 1932 viajou para a França, conheceu e casou-se com Julio Bardi. Teve uma filha que veio a ser engenheira química e tornou-se uma avó feliz.

A Força Aérea Peruana, em 27 de setembro de 1960, distinguiu-a com a “Cruz Peruana do Mérito Aeronáutico” por ser a primeira mulher piloto no Peru, pioneira da aviação civil nacional.

O Ministério da Aeronáutica, em 27 de janeiro de 1982, concedeu-lhe a Medalha de Mérito “Jorge Chávez Dartnell” por sua contribuição para o desenvolvimento da aviação civil.

Inês Thomann, foi a primeira peruana que, em 1939, obteve um brevê oficial para, logo depois, conseguir o de piloto internacional. Cresceu entre aviões leves e pistas de pouso. Seu pai, Emilio Thomann Wylemann, foi um dos pioneiros da aviação civil no Peru. Ele veio a ter uma escola com quatro aviões. Inês voava diariamente transportando passageiros de Lima para Punta Hermosa e Ancón, balneários perto da nossa capital. Ela voou até pouco depois de se casar com Julio Stubbs, com quem teve uma filha que estudou antropologia. Logo dedicou sua vida ao ensino do inglês e à tradução.

Na década de 40 do século passado, havia mulheres em Lima que aprenderam a voar. Foram elas: Elena Ferreyros, Rosa Prado (filha do presidente Prado), Lucha Vargas Prada, Olga Von Bischoffshausen, Mary de Querol, Frida Sammerkamp, Inés Álvares Calderón, Cristina Melgar. Foi assim que a mulher tornou-se presente no início da nossa aviação nacional. Hoje, temos mulheres pilotos na aviação comercial.

A Mulher Peruana e o Espaço

As mulheres peruanas continuaram avançando no mundo da aeronáutica e do espaço. É assim que a Administração Nacional Aeronáutica e Espacial dos EUA (NASA) tem peruanas em sua equipe de cientistas. Entre elas estão:

Melissa Soriano Horny, engenheira eletrônica e economista formada pelo Instituto de Tecnologia da Califórnia (CALTECH). Possui mestrado em Sistemas Terrestres e Ciências de Geoinformação pela Universidade George Mason. Ela é filha do montanhista Caracino Arturo Soriano e da *huaracina* Amelia Horny. Seus pais, nascidos em Huaraz, departamento das Terras Altas do Peru, registraram-na no consulado peruano ao nascer na Virgínia, Estados Unidos, em 5 de julho de 1981.

Soriano fazia parte de uma equipe de mais de 200 pessoas que, na noite de 6 de agosto de 2012, trabalharam na complexa sequência do fantástico pouso da *Curiosity* em solo marciano.



Melissa Soriano fez parte do projeto também bem sucedido Missão Curiosidade

Fonte: <https://rpp.pe/ciencia/espacio/video-conoce-a-la-peruana-que-integra-mision-de-la-nasa-a-jupiter-noticia-976634>

Rosa Avalos Warren, engenheira aeroespacial com mestrado em engenharia mecânica, graduada pela Virginia Tech University, trabalha no Goddard Space Flight Center da NASA. Atuou em cerca de 20 missões nessa agência.

Avalos nasceu em Chilca, uma praia ao sul de Lima onde houvera avistamentos de OVNI. Filha de uma família humilde, emigrou para os Estados Unidos quando tinha 12 anos.



Rosa Avalos Warren, engenheira mecânica e de operações, sistemas, topologia e controles da NASA

Fonte: <https://www.nasa.gov/feature/i-am-artemis-rosa-avalos-warren>



Aracely Quispe Neyra, cientista peruana que inspira milhares de mulheres ao redor do mundo

Fonte: aracelyquispeneyra.com

Aracely Quispe Neyra, mestre em engenharia espacial, elétrica e astronauta, é graduada pela Capitol Technology University. Ela continua a fazer mestrado em inteligência geoespacial e doutorado em ciências.

É certificada em controle de satélites, criação de aplicações de software e projetos de sistemas elétricos para missões no espaço.

Quispe nasceu em Lambayeque, no litoral norte do Peru. Atualmente trabalha no programa James Webb, substituto do telescópio Hubble, tendo já trabalhado em outros projetos da NASA. Sua mãe, uma educadora, foi quem a pressionou a quebrar estereótipos. Com perseverança, otimismo e determinação, conseguiu realizar seus sonhos. A prática do caratê a ajudou na disciplina e formação do seu caráter.

No Peru pode-se dizer que as mulheres avançaram para alcançar uma relação igualitária, sem preconceitos e justa na sociedade, mas ainda têm que enfrentar obstáculos e realidades que a sociedade e a educação devem superar. □

Referências

Boletins virtuais FAP:

La Mujer en la Fuerza Aérea del Perú

La Primera Aviadora en el Perú, Carmela Combe

Agencia Andina de Noticias (Andina)

Entrevistas

Documentación diversa



Perla Baca Gálvez

Jornalista profissional, formada pela Universidade Católica do Peru. Possui mais de quarenta anos de experiência. Trabalhou como editora política do jornal *El Comercio*. Galvez foi secretária de imprensa de cinco Presidentes, dois Primeiros-Ministros, um Ministro da Educação, um Prefeito de Lima, um Comandante da Força Aérea do Peru e um Comandante Conjunto das Forças Armadas. É membro honorário do Instituto Peruano de Estudos Aeroespaciais (IEHAP) e participou de cursos e seminários de treinamento na Universidade de Lima. Ela também participou de seminários no Centro de Estudos Americanos e na Escola da Costa Rica, no Ministério de Relações Exteriores do Peru, no Instituto *Art and Design* (IPAD) e em cursos e seminários oferecidos pela Diretoria de Informação e Comando de Operações da Força Aérea Peruana, entre outros. Foi Diretora de Imprensa durante a posse presidencial, reuniões presidenciais, reuniões nacionais com prefeitos e apresentação do Delegado Peruano nas Nações Unidas. Atualmente, trabalha na DINIA e é Editora da Revista “*Aviación*” da Força Aérea do Peru.